

Fotos: Milla Petriolo



A peça *Quem Descobriu o Amor*, encenada por alunos de 1º e 2º graus das escolas de Salvador, conta a história de uma turma de colégio público que aprende a dar sentido à vida com as aulas de uma professora de História

Educação à baiana tem muito mais *axé*

Música, dança e teatro diminuem a violência e aumentam o rendimento dos alunos em escolas públicas de Salvador

Tânia Fusco
Da equipe Correio

Primero oficinas, onde adolescentes falam de seu cotidiano — como vivem, do que gostam, dificuldades e sonhos. O relato extraído daí vira texto de teatro. E a realidade de adolescentes e crianças vai para o palco, encenada por atores profissionais ou amadores. É peça pedagógica que serve para ensinar e, principalmente, mudar comportamentos, fazer participantes crianças e adolescentes apáticos ou agressivos.

As peças com a realidade ficcionada têm tudo que encanta o universo juvenil — ação, dança, música, muita gíria, palavrão, discussões sobre amor, sexo, drogas, relação familiar, amigos, escola. Um pouco de *Casseta e Planeta*, um pouco de novela. Tudo na linguagem ágil de videoclipe.

Com essa fórmula as escolas públicas de Salvador estão obtendo mais participação, maior rendimento escolar e menos violência no cotidiano dos alunos.

“Não é uma revolução. É a aplicação do conceito mais amplo de educação, aquele que utiliza a cultura — música, teatro, dança — no processo de formação”, diz Maria Eugênia Milet, educadora e diretora da peça *Quem Descobriu o Amor*, texto encenado por alunos de 1º e 2º graus de escolas municipais de Salvador, que formam o grupo *Tribo de Teatro*.

RISOS, TORCIDA E APLAUSOS

Em duas horas de espetáculo, que começa com o batuque dos tambores tipicamente baianos no estilo *Olodum* e *Timbalada*, 12 adolescentes contam a história de uma turma de escola pública que aprende com uma professora de História a dar sentido à vida. Na linguagem irreverente dos jovens, a peça trata das suas dificuldades cotidianas — da falta de professores na escola até a primeira relação sexual.

Caretice? Nenhuma. A peça mobiliza, por exemplo, mais de 100 alunos da Escola Municipal Cleriston Andrade, no bairro de Pau da Lima, da periferia de Salvador. No fim de uma manhã quente, assistem em pé ao espetáculo inteiro. Barulho e arruaça só até começar o batuque. Dali para frente, na hora e meia seguinte, nem o desconforto do pequeno auditório rouba a atenção dos meninos, que torcem, riem e aplaudem os atores em cena.

O texto fala das dúvidas dos adolescentes em relação ao corpo que muda, do desejo sexual que aparece trazendo medo e desconforto. “Ninguém fala disso lá em casa”, diz o ator em cena. A plateia troca olhares entre si e dobra a atenção ao palco.

“Gostei demais. Podia ter disso todos os dias”, diz Jane, 12 anos aluna da 5ª série. “Parece a história da gente”, emenda o colega Marison.

A escola Cleriston Andrade abriga em três turnos 1.200 alunos de 5ª a 8ª séries, com idade de 10 a 21 anos. A peça *Quem Descobriu o Amor* é parte do projeto *Educação — Um exercício de Cidadania*, desenvolvido desde 1994 pelas secretarias municipais de Educação e Saúde de Salvador, com apoio do Centro de Referência Integral para Adolescentes (CRIA) e da Fundação Odebrecht.

O projeto tem duas vertentes: a pedagógica, que capacita jovens e profissionais — professores, médicos, enfermeiras, psicólogas e assistentes sociais — para atuar em núcleos de trabalho e referência localizados em escolas e postos de saúde; e a artística, cujo eixo central é a peça, que tem circulado pelas escolas da rede municipal abrindo debates, particularmente sobre sexualidade e violência.

Em três anos de atividade, a peça foi vista por cinco mil adolescentes e quinhentos professores. O elenco, sempre de alunos das escolas públicas, tem sido renovado e o grupo *Tribo de Teatro* hoje tem 43 integrantes. O projeto também capacita professores para aulas de educação sexual.

“Olha, depois dessas aulas, me

entrosei mais na turma. A gente compreende que a sexualidade é uma coisa natural. É bom poder falar abertamente sobre isso na escola, porque os pais têm vergonha de conversar com os filhos sobre as coisas que acontecem na vida”, diz Sandra, 14 anos, aluna do Cleriston Andrade.

“Se a gente não tem informação, como é que vai lidar com a existência da Aids, por exemplo?”, indaga Jucileide, de 21 anos.

UM ESPELHO DE QUALIDADES

A depredação de escolas tem sido responsável por um sumidouro dos recursos das secretarias de educação. Nos dois últimos anos a Bahia, por exemplo, gastou R\$ 34 milhões na recuperação de 715 escolas do estado — 605 no interior e 110 na capital. No ano passado, 80 mil mesas e cadeiras foram substituídas, representando 20% do equipamento das escolas.

O teatro também foi o caminho

que a Secretaria Estadual de Educação encontrou para tentar reduzir esses estragos. Fez parceria com o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia para ouvir os estudantes e sondar as causas do vandalismo. Em três meses de trabalho foram feitas 27 oficinas em 10 escolas estaduais de segundo grau, escolhidas como piloto do projeto.

Do relato do dia-a-dia de alunos, professores, diretores e funcionários nasceu o texto da peça *Cuida Bem de Mim*, montada com atores profissionais, sob o comando do diretor Luiz Marfuz. No ano passado, foi vista por 25 mil estudantes e tem sido mote para mudanças no comportamento de alunos e professores.

“O resultado em números só teremos no final deste ano. Mas por onde a peça passou, mexeu com a escola, criando diretórios estudantis, grupos de teatro, debates, transformando a escola numa comunidade mesmo”, garante Marfuz.

“A peça é um espelho, onde a gente se vê, identifica qualidades e defeitos e abre caminhos para mudar”, diz Leila Pessoa, 54 anos de

vida, 25 de magistério.

Há um ano e meio Leila comanda o Colégio Estadual Manuel Devoto, no bairro de Rio Vermelho, onde três mil alunos — a maioria carentes — cursam o 1º e 2º graus. “As carências deles aparecem muito vivas na escola. Olhe, atrás de um aluno problema tem sempre uma história difícil. Nesses casos, o diálogo, a atenção são mesmo o melhor caminho. Eles são carentes de tudo”, ensina Leila, que assistiu a peça cinco vezes e conseguiu que todos da sua escola — alunos, funcionários e professores — também assistissem.

“Todos gostam. Cada um tem sua leitura, mas todos tiram proveito. A peça mexeu com a escola”, garante a educadora para contar, orgulhosa, que, escolhendo o caminho da compreensão e do diálogo, conseguiu no ano passado recuperar um aluno problema. O estudante tinha 18 anos, cursava o 1º ano do 2º grau, trilhava o caminho da reprovação e estava prestes a ser expulso da escola.

Neste ano, usa a mesma receita para tentar recuperar outro aluno, envolvido com drogas. “Expulso da

escola, ele será mesmo um marginal. Aqui, pode se encontrar. E está fazendo isso”, diz, para contar orgulhosa que a vitória do ano passado quebrou, inclusive, resistências de professores. “Eles não acreditavam que aquele aluno rebelde pudesse mudar. Mas ele é outra pessoa. Neste ano, veio me pedir para mudar de turno, porque está também trabalhando”.

DIFICULDADE DA RUA SE RESOLVE NA ESCOLA

A Secretaria de Educação soma 900 sugestões de alunos para combater a depredação e melhorar a qualidade do ensino público. Com um ano de vida, a peça é um dos sucessos do teatro baiano. (Esteve nos palcos de Brasília, durante o projeto *Temporadas Populares* do começo do ano, com sucesso de público).

“Eu já tinha ouvido falar dessa peça. Mas curti demais. A gente, claro, traz a dificuldade da rua *pra escola*”, ensina Luiz Bonfim, 18 anos e aluno de 7ª série, depois de assistir uma apresentação da peça.

“O teatro tem uma força fantástica na educação. É comunicação direta”, defende o diretor Luiz Marfuz.

Em Salvador e nas escolas do interior, com participação da sociedade, de organizações não governamentais (ONGs), de Fundações, da Unicef e Unesco, a Bahia vai levando para crianças e adolescentes carentes teatro, música, dança, pintura. Coisas a que só os meninos de escolas particulares têm acesso regular.

É o *Projeto Axé*, que trabalha com meninos de rua. São os blocos-afro — *Olodum*, *Ilê Aiyê*, *Muzenza* — que nasceram como grupos carnavalescos e hoje atuam nas suas comunidades como centros culturais que levam arte para dentro de suas escolas.

“A gente vê o resultado. A energia dos meninos é canalizada para a descoberta da riqueza da vida, das coisas que nos dão melhor compreensão do sentido de existir”, confia a diretora Leila Passos, indagando: “Não é por aí que nós vamos mudar as coisas, a escola?”.

■ A repórter viajou a convite do programa *Jornalista Amigo da Criança*, das Fundações Abrinc, Odebrecht, Agência de Notícias da Infância (Andi) e Embratur.



Numa tarde em Itapoã, a garotada pode curtir o batuque da Banda Axé, formada por colegas que deixaram as ruas